

(Re)significação da Paisagem, Transformações Espaciais e Degradação Ambiental no Município de Brotas (SP).

VITTE, Antonio Carlos. Professor do Departamento de Geografia, UNICAMP, Campinas (SP). Brasil. CP 6152, CEP 13083-970. e-mail: vitte@uol.com.br.

AGUIAR, Paulo Henrique. Mestrando em Geografia, UNICAMP, CP 6152, CEP 13083-970, Campinas (SP) – Brasil. E-mail: aguiar09@email.com.

1. Introdução

Este trabalho busca fazer uma análise dos impactos sócio-ambientais acerca da ascensão de uma modalidade recente do turismo, o ecoturismo, na região do município de Brotas/SP, e a conseqüente transformação deste território, a partir de uma abordagem sobre as relações sociais que levaram a sociedade contemporânea a dar um novo significado ao conceito de natureza, re-significação (Bourdieu, 1974) que serviu de alicerce para a inserção desta modalidade de turismo.

O município de Brotas está situado na região central do Estado de São Paulo, tem uma população de 18.886 habitantes (IBGE, 2001) e ocupa uma área total de 1.101 Km². Este município pode ser caracterizado, também, por estar localizado no compartimento geomorfológico denominado de cuevas areníticas-basálticas e por apresentar um número incontável de recursos naturais e paisagísticos.

O turismo é hoje uma das atividades econômicas que mais se expande, representando cerca de 10% do produto bruto internacional e 4% do produto bruto nacional, influenciando outros 52 segmentos econômicos. O turismo assim como as viagens se desenvolveram concomitantemente com os desenvolvimentos das técnicas (principalmente os transportes) e do presente modelo econômico. (Luchiari & Serrano, 2003).

Contudo, o movimento turístico de massa – que será de certa forma abordado neste trabalho - no mundo ocidental e no Brasil, vai originar-se após a Segunda Guerra Mundial enquanto atividade econômica dentro da concepção fordista de produção e consumo. Enquanto movimento social nasceu de uma vontade coletiva dos indivíduos de fugir do cotidiano nas horas livres de lazer e nas férias, como uma forma de se livrar do fardo da sociedade capitalista industrial.

Hoje, no turismo de massa tradicional, muitas pessoas não encontram mais esta possibilidade da fuga ou da terapia, pois, cada vez mais, se defrontam com elementos do seu cotidiano nos próprios lugares ditos turísticos. O que não poderia ser diferente visto que o turismo é também uma atividade econômica inserida na lógica do capitalismo e, se não bastasse, se tornou uma das atividades mais rentáveis do mundo.

Não apenas os turistas começaram a sentir cada vez mais os efeitos negativos do turismo. Mas, e principalmente, os habitantes das regiões visitadas. Estes estão cada vez mais decididos a se livrar do jogo do turismo que os exclui do próprio processo e que os impedem de se desenvolver como bem querem. (Rodrigues, 1997).

Assim, estes turistas adotam outras formas de lazer, recriando conceitos, principalmente sobre lugares inóspitos e de desinteresse dos turistas convencionais, lugares como matas e cidades onde predominam culturas tradicionais.

Silveira (1999) chamaria esta prática de conceituação de lugares de ‘fetichização’ dos lugares. Segundo uma abordagem mais precisa sobre a fetichização dos lugares, a autora diz que as ciências devem analisar a dimensão da psicosfera para entender este processo, sendo que psicosfera seria “...conjunto de dados psiconaturais e técnicos de um lugar que constituem o domínio do visível, isto é, a paisagem.” E definiu dados psicossociais como os processos de apropriação dos elementos ditos naturais, porque se esses dados não tem artifício na sua constituição material, eles o têm na sua constituição simbólica e social.

Assim, ao possuir as potencialidades capazes de satisfazer as necessidades contidas nos indivíduos em sua psicosfera, sociedades destas localidades podem se aproveitar para modificar seu tipo de desenvolvimento, adotando o turismo como vocação. Contudo, segundo a autora, a aptidão paisagística também seria uma forma potencial de produtividade espacial dos lugares.

Dentro da esfera do psicossocial, o turista, ao se deparar com uma situação onde o seu local de fuga do cotidiano nos horários livres e férias passa a não ser mais útil para esta finalidade, começa a procurar novas alternativas. É aí que o ecoturismo vai cair como uma luva para seus interesses.

Um fator relevante que faz com que o ecoturismo ganhe um status cuo é o crescimento da preocupação com as questões ambientais. As pessoas passam a valorizar a preservação de recursos naturais e começam a se sentir atraídas para os locais onde ainda se vê alguns resquícios de recursos naturais preservados, desprezando os locais turísticos que não mais os apresenta.

Segundo Benevides (1997), o ecoturismo se propõe a dar um dinamismo econômico aos lugares, representado pela possibilidade de geração local de emprego e renda que, por sua vez, constitui o braço economicista da ideologia da sustentabilidade.

Porém, o próprio autor coloca em dúvida a eficácia desta alternativa visto que é uma atividade controlada por agentes econômicos e, portanto, atrelados ao lucro. Segundo Rodrigues (1997), o Ecoturismo é "...uma modalidade de turismo vista como alternativa para conciliar a conservação do patrimônio natural e cultural com o uso, dito, racional. Porém, sob o rótulo de turismo ecológico legitimam-se velhas práticas do turismo tradicional predatório."

Ao mesmo tempo, que é consumidor de territórios, o turismo também é produtor e transformador destes. Isto se explica, pois o turismo é uma atividade que necessita criar imagens e representações que influenciam não apenas os usuários como também as sociedades receptoras. (Cara, 2001)

Por exemplo, para se atrair turistas, uma determinada localidade pode pregar a imagem de um local associada à concepção de paraíso que a maioria das pessoas tem. Quantas vezes não vimos um local sendo apresentado como paradisíaco justamente com esta finalidade, de atrair turistas.

Os atores que promovem o ecoturismo também fazem um grande uso deste recurso ao associar os elementos paisagísticos do campo à idéia de preservação de recursos naturais.

Quanto à sociedade receptora, suas ações vão desenvolver-se justamente sobre estas imagens gerando um sistema de relações sociais que vão, por sua vez, materializar-se em um território favorável à atividade turística.

Dentro desta perspectiva, vamos inserir aqui um trecho de um artigo de Knafou (2001) onde ele faz a diferenciação de três tipos de territórios, segundo os quais apoiaremos nossa análise sobre território e sua relação com o turismo:

"- Pode existir território sem turismo

Três turistas em uma fazenda e um escritório de turismo tentado por uma comuna não são suficientes para fazer um território turístico. Em contrapartida, com o progresso dos transportes e com a difusão da idéia segundo a qual todo espaço mundial é então acessível, há cada vez menos territórios sem turistas. Tanto mais que, efetivamente, os turistas podem ir a qualquer lugar, ou quase. Mas sempre em número e sob formas que permitem fazer os lugares viver.

-Pode existir também um turismo sem território, isto é, um turismo que não proceda de iniciativa dos turistas mas que resulta da iniciativa de operadores de turismo que colocam um produto no mercado; um produto certamente localizado, tendo alguma relação com o território, mas um produto que não é suficiente para produzir um 'território turístico', isto é, um território apropriado pelos turistas.

-Podem, enfim, existir territórios turísticos, isto é, territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores. Isto traz problemas delicados de planejamento, já que não é somente os espaços que se 'planeja', mas toda sociedade."

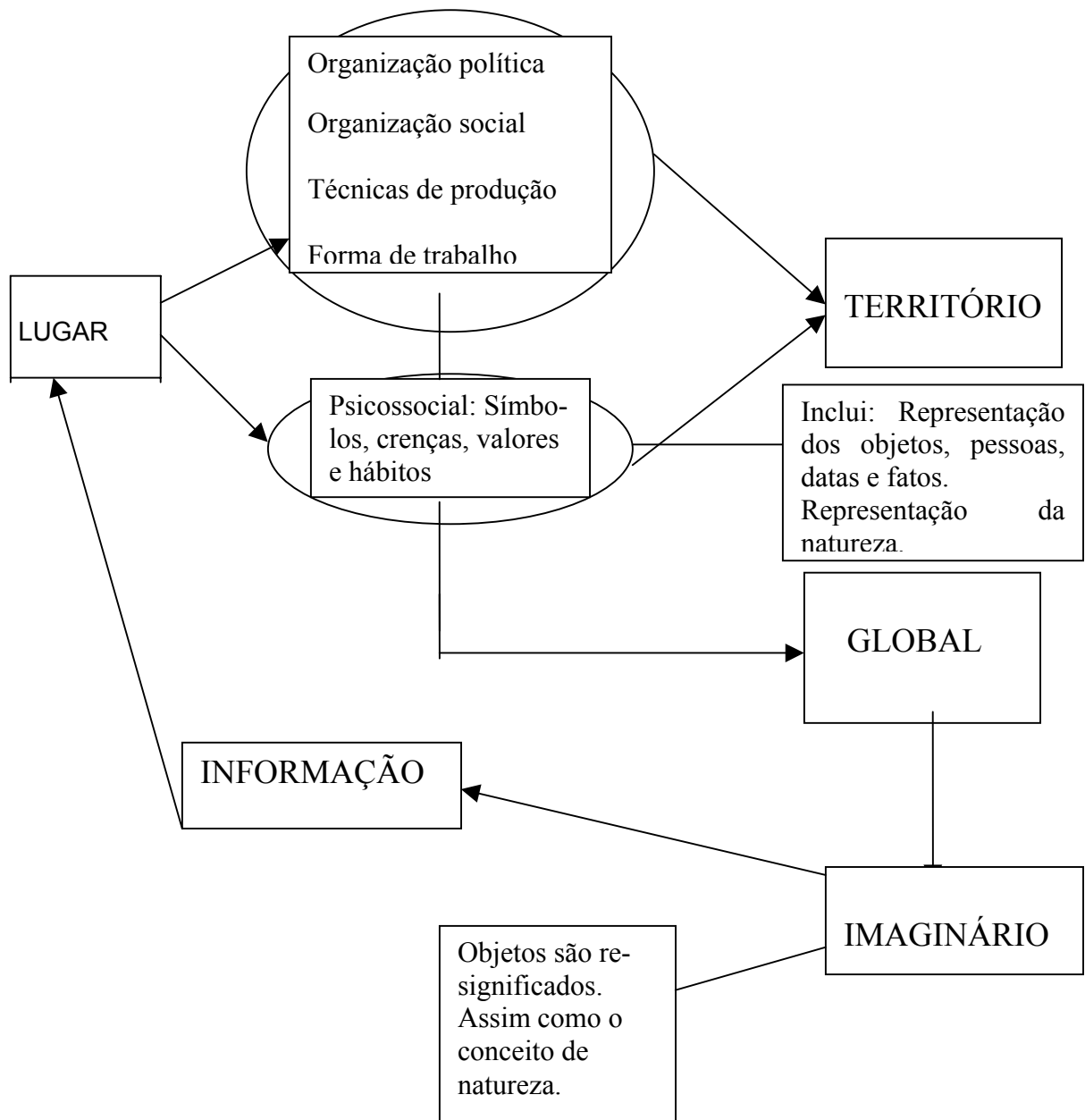
2. Metodologia

O município de Brotas, até a década de 1980 apresentava-se em um quadro econômico estagnado, tipicamente agrícola. Em pouco tempo viu implantar-se em seu território uma estrutura voltada quase que predominantemente ao ecoturismo. Esta mudança se deu a custos de uma transformação dos elementos que compõe o território local.

Assim, para compreendermos estas transformações pelas quais passa este território e entender as atuais relações deste local específico com a dinâmica global, desenvolvemos uma hipótese de trabalho (figura 1) na qual buscamos entender como esta reconceitualização da natureza, trabalhada anteriormente, interfere na dinâmica territorial.

Baseados em Ferrara (1996), entendemos que este novo conceito de natureza seria produto de um imaginário criado pela sociedade contemporânea. Assim, para a autora, "imaginário corresponde á prática social de atribuir significados, ou seja, prática social pela qual os significados passam a acumular imagens e a significar mais. Através dessa prática, pessoas, datas, espaços, fatos ou objetos podem incorporar significados extras e passam a constituir representações autônomas que desconhecem a prática social que lhes deu origem"

FIGURA 1 – Hipótese de trabalho



Dentro desta hipótese de trabalho, ao estudarmos um local específico, identificamos os elementos constituintes de seu território, aqui sendo: sua organização política e social, suas técnicas de produção e suas formas de trabalho interagindo com as crenças, costumes, símbolos, valores e hábitos (psicossocial) e sua relação com o imaginário global. A forma como a sociedade local representa a natureza entra no quadro dos elementos do psicossocial.

A forma como os objetos, fatos, pessoas, datas e espaços são representados pela sociedade local são levadas ao conhecimento do global, ou seja, da sociedade contemporânea globalizada através dos meios de informação que recriariam um novo significado a estes elementos, criando um imaginário (Ferrara, 1996) que incluiria a re-significação dos elementos advindos de todos os lugares. Estes novos significados retornariam ao local, também através dos meios de informação, com uma força tal que seria adotado como um significado ideal.

Como resultado teríamos uma transformação dos elementos que constituem o território local (valores, crenças, hábitos e símbolos) imposta pelos interesses globais, ou seja, transformação ocorrida fora do cotidiano onde foram criados, à partir de um consenso (Bourdieu, 1974) global. Estas transformações alterariam também a organização política e social, as técnicas de produção e as formas de trabalho deste local.

Já, para se entender como os objetos do espaço são representados, ou seja, o processo pelos quais ganham um significado, se faz necessário uma preocupação quanto à compreensão da consciência individual na formação da consciência social. (Bourdieu, 1974)

Segundo Moraes (1996), a partir da introdução da preocupação em se entender a consciência do indivíduo e, também, desta consciência social na organização do espaço, a Geografia passa a ter que entender a representação do espaço para poder entender este espaço. “As projeções e interpretações do espaço decorrentes das manifestações da consciência transformam o lugar numa representação”, afirma o autor.

Para entendermos como os objetos do espaço foram re-significados, fizemos anteriormente uma diferenciação destes, seguindo o método de Santos (2001) segundo o qual ele sugere uma diferenciação da seguinte forma: objetos naturais, objetos técnicos e, entre estes, os objetos que mantêm sua historicidade e os que sofrem mudanças de significado constantemente.

Diferenciando os objetos desta forma, pudemos dar um primeiro passo na compreensão daqueles que influenciam nas transformações sócio-espaciais, ou seja, do lugar em questão.

3. Resultados

O município de Brotas possui alguns nichos de recursos naturais e paisagísticos preservados. Estes recursos, com certeza, não foram a princípio preservados intencionalmente. Estes nichos seriam vistos em outras épocas como prova de um desenvolvimento econômico deficiente, no qual a natureza representava um obstáculo a este próprio e transforma-la era um sinal de avanço.

O que nos interessa, no entanto, é que estes nichos de recursos foram encarados pela sociedade global como necessários. Desta forma, os elementos constituintes do território do município de Brotas entram no ciclo apresentado como hipótese de trabalho, justamente por apresentar estes recursos.

Brotas sempre foi um município dotado de uma organização política e social bem característico de um município que teve suas atividades voltadas à agricultura tradicional, cujo desenvolvimento histórico se deu em torno do plantio de culturas dominantes (primeiro o café, depois a cana-de-açúcar) no estado de São Paulo, com técnicas de produção rudimentares e uma forma de trabalho bem tradicional, sem grande especialização. Entre seus símbolos, crenças e valores não havia uma preocupação com a preservação ou utilização dos recursos naturais enquanto mercadoria capaz de gerar receitas para o município. O turismo era algo que passava longe dali. Segundo a Embratur, até a década de 1990 a região mais próxima onde havia algum tipo de atividade turística significativa era o chamado circuito das águas, na divisa entre Minas Gerais e São Paulo, próximo à Serra da Mantiqueira.

Até este momento, o território local era caracterizado desta forma, como atrasado dentro das exigências do modo de produção capitalista. O município era conhecido apenas na região onde está inserido.

Os poucos nichos de reserva paisagística e natural eram substituídos lentamente por lavouras e plantações. Lentamente, graças a esta falta de dinamismo econômico e de técnicas de produção atualizadas.

Contudo, a sociedade global contemporânea recriou um significado novo para estes recursos, exigindo uma nova forma de tratá-los. Um consenso que não foi criado dentro da lógica de desenvolvimento do município, mas sim fora do cotidiano, o que fez com que estes nichos fossem mantidos e preservados, mesmo que por outros motivos que não os que interessavam primeiramente à sociedade local.

Os motivos sobre este consenso estão baseados dentro da concepção de Bourdieu (1974) que diz que a fixação de um consenso a respeito do mundo constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função política-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação.

Lógico que há por traz desta re-significação imposta por agentes externos um interesse de classes, sobre o qual se impõe aos lugares uma nova forma de pensar sobre seu território e os elementos constituintes deste. Porém, não é o interesse deste trabalho discuti-los por enquanto. É nosso interesse introduzir esta abordagem mais adiante, assim como as questões referentes à função social das representações simbólicas do espaço, sua produção e a relação entre os agentes que o produzem e os observadores. O mais relevante é que há uma re-significação do território do município de Brotas que o transforma completamente. E esta re-significação está diretamente ligada à re-significação da natureza como um todo, ou seja, a relação da natureza e sociedade.

É graças à informação que o significado sobre a natureza criado em um local específico ganha conhecimento global e é, também, graças à informação que o imaginário global (Ferrara, 1996) criado a partir de uma re-significação da natureza alcança todos os lugares igualmente.

TABELA 1

Atividade Turística até 1993	Atividade Turística Atualmente
02 a 03 atrativos turísticos	Mais de 40 atrativos turísticos
01 modalidade de esporte de aventura	16 modalidades de esporte de aventura
02 sítios turísticos	23 sítios turísticos
Nenhuma agência de ecoturismo	17 agências de ecoturismo
Nenhum monitor	Mais de 300 monitores
2 hotéis/1 pensão/1 acampamento	24 hotéis / pousadas
03 restaurantes	21 restaurantes
Pouco envolvimento do comércio	Comércio aberto aos finais de semana
Pouca produção artesanal	5 lojas de artesanato/ 1 casa do artesão
Poucas empresas prestadoras de serviço	Mais de 80 empresas turísticas e afins
Pequeno fluxo turístico	140 mil turistas / ano
Quase nenhum emprego	20% população envolvida direta ou indiretamente
Pouco espaço na mídia	Destaque em mídia nacional
Conhecida regionalmente	Pólo de referência nacional

Fonte: Secretaria do Turismo do município de Brotas (2003)

Procedência dos turistas que freqüentam Brotas (140.000 pessoas/ano):

Procedência	Distância
São Paulo – 33,10%	240 Km
Campinas – 7,10%	140 Km
Piracicaba – 6,50%	110 Km
Bauru – 4,30%	105 Km
Americana – 3,90%	115 Km
Limeira – 3,60%	95 Km
São Carlos – 3,20%	65 Km
Outras – 38,30%	

Fonte: Pesquisa realizada pela ESALQ – Piracicaba com mais de 1.000 turista (2002).

FIGURA 02 - Vias de acesso ao município:



Fonte: Prefeitura Municipal de Brotas (2001)

Como podemos analisar na tabela 1, muito da infra-estrutura do município foi alterada em função da necessidade de abrigar os 140.000 turistas que visitam Brotas anualmente. Os atrativos turísticos que se multiplicaram espantosamente (de 02 a 03 para mais de 40) não significam que houve a introdução de objetos técnicos (Santos, 2001) no município que se transformaram em atrativos turísticos. Os objetos estavam lá. Só se tornaram técnicos porque ganharam um uso que não tinham antes, em decorrência de uma nova representação simbólica que ganharam quando do momento em que a natureza foi re-significada. O que a secretaria municipal de turismo nos apresenta como atrativos turísticos são cachoeiras, rios, matas. Ou seja, objetos naturais que passaram a ter um novo uso. Assim como, são considerados atrativos turísticos os elementos constituintes da vida do campo, do meio rural. Assim, fazendas passaram a dar novos usos para seus objetos. Esta re-significação, ou re-apropriação do espaço já produzido (Moraes, 1996), a fazenda, também se enquadra neste processo de re-significação da natureza, que aponta todos os elementos do campo como sendo natureza a ser resguardada. Assim, animais, pastos,

lavouras e córregos construídos para a irrigação, cercas, tratores, cachoeiras, rios e matas ciliares, entre outros, se misturam, formando uma mesma paisagem aos olhos do turista.

4. Conclusão

Porque antes de 1993 Brotas não era vista como uma cidade turística? Pouco, ou quase nada do que são chamados de atrativos turísticos foi construído ou modificado para que se tornassem famosos nacionalmente. Então, como explicar o interesse tão repentino por parte de um número tão grande de agências de turismo? Quais os resultados para o território?

A resposta que podemos dar vai resumir em grande parte o que discutimos até aqui. A representação dos objetos constituintes do território de Brotas é que vão inserir o município na dinâmica econômica/política global. Mesmo que esta representação seja produto de um imaginário criado fora do cotidiano do município, produto de um consenso que busca dar um mesmo significado aos territórios que contenham estes mesmos elementos. Contudo, o diferencial sempre será a forma como a população local incorpora e adota este imaginário.

Neste caso específico, são os recursos naturais e paisagísticos é que vão ser processados dentro da hipótese de trabalho apresentada, incorporando e sendo incorporados, por sua vez, dentro da significação de natureza, construído pela sociedade contemporânea. Os dados da tabela 1, são significativos para nos dar uma idéia do quanto o território foi transformado para abrigar esta nova atividade econômica no referido município e, mais importantes ainda para nos dar uma idéia do quanto uma re-significação dos objetos naturais transformam as relações sócio-espaciais de um território.

Bibliografia

BENEVIDES, Ireleno Porto. Para Uma Agenda do Turismo como Fator de Desenvolvimento Local. In: "Turismo e Desenvolvimento Local". Organizadora: Adyr Balastrieri Rodrigues. São Paulo: Hucitec, 1997, P.23-41.

BOURDIEU, Pierre. "A Economia Das Trocas Simbólicas". São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CARA, Roberto Bustos. El Turismo Y Los Procesos De Transformación Territorial. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). "Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais". 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001, P. 62-74.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Do Mundo como Imagem a Imagem do Mundo. In: "Território: Globalização e Fragmentação". SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de e; SILVEIRA, Maria Laura. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

IBGE. "Censo Demográfico Brasileiro". São Paulo. 2001

KNAFOU, Reny. Turismo e Território: para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). "Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais". 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001, P. 62-74.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização Turística: um novo nexu entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini e; LUICHIARI, Maria Tereza D. P. "Olhares Contemporâneos sobre o Turismo". Campinas: Papirus, 2000, P.105-130.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P & SERRANO, Célia. Tourism and Environment in Brazil. In: HOGAN, Daniel Joseph; BERQUÓ, Elza e; COSTA, Heloísa S. M. "Population and Environment in Brazil: Rio + 10". Campinas: CNPD, ABEP, NEPO, 2002, P.255-276.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desenvolvimento Sustentável e Atividade Turística. In: "Turismo e Desenvolvimento Local". Organizadora: Adyr Balastrieri Rodrigues. São Paulo: Hucitec, 1997, P.42-64.

RUSHMANN. Doris. "Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente". Campinas/SP: Papirus, 1997. (Coleção Turismo)

SANTOS, Milton. "O Brasil: território e sociedade no início do século XX". Milton Santos, Maria Laura Silveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ "Por uma Outra Globalização: do pensamento único a consciência universal". Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.

SILVEIRA, Maria Laura. Da Fetichização dos Lugares à Produção Local do Turismo. In: "Turismo. Modernidade". Globalização. Organizadora: Rodrigues, Adyr Balastrieri. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, P.36-45.